

LEITURAS & LEITORES

TRAJETOS E TRAJETÓRIAS

Organizadores

Luciana Ferreira Leal

Cláudio Rodrigues da Silva



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Ana Carolina de Moraes Godoi

Imagem de Capa: Gosia Herba



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

LEAL, Luciana Ferreira; SILVA, Cláudio Rodrigues da (Orgs.)

Leituras & leitores: trajetos e trajetórias [recurso eletrônico] / Luciana Ferreira Leal; Cláudio Rodrigues da Silva (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

289 p.

ISBN: 978-65-5917-385-3

DOI: 10.22350/9786559173853

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Leitura; 2. Historiografia; 3. Literatura; 4. Escrita; 5. Docência; I. Título.

CDD: 800

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura 800

1

A LEITURA DO OUTRO NA ESCRITA DE SI

*João Anzanello Carrascoza*¹

NO PRINCÍPIO ERA O SILÊNCIO – E O SOM

O início de minha aventura como leitor, e, posteriormente escritor, se deu quando, menino, à porta da cozinha de casa, notei minha mãe e minha avó se movendo em silêncio para fazer o almoço. O sol entrava pela janela, clareando o rosto das duas, e, vendo-as, reconheci que uns traços meus – o contorno do nariz, a cor dos olhos – eram semelhantes aos delas. Então, rompendo a quietude dos gestos, uma começou a conversar com a outra sobre a vez em que haviam viajado juntas, com meu avô, para o Rio de Janeiro. Recordaram, rindo, que os carros, à época, eram movidos a gasogênio, soltavam fumaça negra, obrigando os passageiros a vestirem, acima da roupa, um guarda-pó. Minha avó mencionou que demoraram quase um dia para chegar lá; minha mãe lembrou que não havia posto de estrada com restaurante, e, na véspera, tinha assado frango e preparado lanches para frear a fome ao longo da viagem. A voz de uma carregava palavras até a outra, que as apanhava, feito fatias de pão, e a elas juntava as suas como manteiga. O diálogo ia

¹ João Anzanello Carrascoza é graduado em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes (1983), com Mestrado (1999) e Doutorado (2003) em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, onde é professor da disciplina Redação Publicitária desde 1990. É também docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (SP), com pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Escritor, vem publicando romances, contos e obras para crianças e jovens, que lhe valeram importantes prêmios literários do país (Jabuti, FBN, FNLIJ, APCA) além dos prêmios internacionais Guimarães Rosa/Radio France e White Ravens (Library Munich). <https://www.facebook.com/joaoanzanellocarrascoza>. E-mail: jcarrascoza@espm.br

andando, lentamente, igual ao sol pelo fogão, a delinear uma história, que ambas lembravam, esta entregando àquela os grãos de um tempo vivido, que sentiam de novo na palma das mãos.

Embora não houvesse nada de grande no que diziam – os fatos que rememoravam continham a praia de Botafogo, o passeio a uma loja Sears, a estátua de Cristo no alto de um morro, de braços abertos, na tentativa de abarcar o horizonte –, era para mim um tudo naquela hora, era a existência delas (e a minha) ganhando corda aos meus olhos e ouvidos, tanto que, sorratamente, me aproximei, sentei num banquinho à beira da pia e permaneci quieto, sem me mover, fingindo-me invisível, para que, de repente me flagrando ali, não interrompessem o que era para as duas uma reminiscência – enquanto, para minha imaginação, era a própria vivência ondulando em meu ser junto com elas, eu fazendo parte de um presente (passado para ambas) no qual eu ainda não existia. Este salto, sobre o sarrafo do tempo, eu só fui entender mais adiante como o cerne das narrativas; o tempo do sentir a vida que jamais coincide com o tempo de contar o vivido, porque o vivido só pode ser contado, no viver subsequente, com o limitado da linguagem.

Minha mãe e minha avó foram se alegrando tanto, e subitamente, à medida que trocavam re-impressões sobre aqueles dias cariocas, que, a certa altura, a voz delas compunha um dueto, e, eu não reconhecia mais uma conversa, eu escutava uma música – elas estavam cantando. E aquele canto, que agora evoco na distância de tantos anos, foi o primeiro alumbramento que as palavras fabricaram em mim. Eu ouvira uma história, em forma de canto, e me encantara. Porque estive com elas lá, na cidade do Rio de Janeiro, quando Estado da Guanabara, quando as águas de Copacabana entraram pelo vão da porta da cozinha, obedecendo à música das duas e ao meu reverente silêncio.

Foi naquele momento que me descobri como leitor, ao compreender que as vozes emitem textos invisíveis e flutuantes, mas vivos: as vozes escrevem histórias no ar, memórias no vento, sopros de poesia no rosto do tempo. E talvez por sentir aquele assombro ao presenciar o diálogo entre pessoas queridas, numa cena cotidiana, comentando sobre coisas aparentemente banais, em tom menor, é que venho povoando meus livros com narrativas nas quais quase nada acontece, nas quais estamos um diante do outro, recordando fatos por meio de uma conversa, no mesmo instante em que desfrutamos o viver, o presente se tornando imediatamente passado, e o passado sendo conjurado uma vez que nos trouxe até aqui – não como espaço-tempo para o qual desejamos retornar, mas onde podemos ler os capítulos que escrevemos de nossa existência, inapagáveis – e, também, acesos, para nos lembrar quem fomos. Talvez por isso eu me recorde agora de uns versos de Octavio Paz (1998), nos quais ele comenta ter lido num poema que conversar é algo divino. Mas Paz discorda, afirmando que os deuses não conversam, os deuses fazem e desfazem, sobretudo dos homens. E revela a sua crença no outro extremo deste pensamento, ao concluir, com humildade, que conversar é humano.

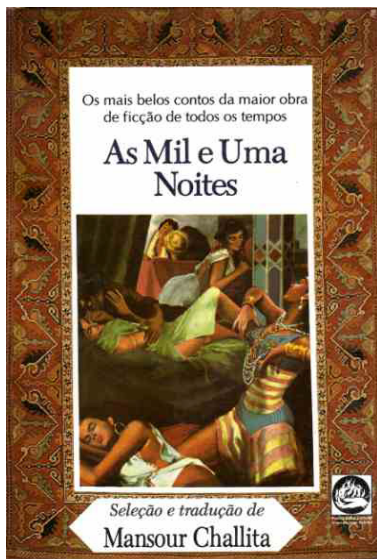
DA VOZ PARA O PAPEL – O MUNDO LIVRE DO LIVRO

Descobrir-me “lendo” o mundo inicialmente pela voz, me levou a amar a poesia, me levou à sua musicalidade, ao seu coração metafísico, e me elevou o desejo de conhecer as histórias que viviam represadas nos livros. Aliás, substituo agora este adjetivo, “represadas”, pois, para mim, as histórias viviam e vivem livres nos livros, basta girarmos com os dedos a capa, abrindo o portal do universo que guardam; não por acaso, a

palavra livro advém de livre. Sim, eu observava na pequena estante os livros que minha mãe enfileirava nas prateleiras, depois de sua leitura, e, uma vez, perguntei-lhe o que havia neles, naqueles retângulos de papel que tanto a absorvia, e, quando ela respondeu, “histórias”, o sonho de crescer logo, de ir para escola e aprender a ler, para mergulhar naquelas narrativas, moveu todas as horas da minha vida até os sete anos, quando finalmente passei a ser alfabetizado.

Tive de esperar muito – o tempo sempre é muito para um menino – para chegar ao magno dia em que pude apanhar um dos livros daquela estante – um volume que reunia meia dúzia de contos de *As mil e uma noites* (figura 1). De repente, da cidadezinha de Cravinhos, no interior de São Paulo, no final dos anos 1960, eis que eu me vi transportado para a antiga Pérsia, lendo a face de Scherezade, as mãos de Aladim esfregando a lâmpada maravilhosa e o *sfumato* do qual emergia o gênio, lendo nos olhos de Ali-babá o brilho das moedas de ouro quando entrou na caverna, depois de pronunciar a mágica ordem “abre-te, sésamo”.

Figura 1: *As mil e uma noites* (seleção de histórias)



Arquivo pessoal do autor

Mas, antes – estou me adiantando porque a força da lembrança me comove novamente, e é preciso reler palavra por palavra do texto que escrevemos para entender quem somos –, mas antes, ao longo de um ano inteiro, fui aprendendo a ler, e, então, o espanto e a alegria misturavam suas sílabas em mim: aos poucos, compreendi, atônito, que a palavra era faca e seda ao mesmo tempo, que a palavra nem sempre correspondia ao que dizia, que a palavra laranja era (para mim) mais sol do que aroma, a palavra avô era ausência nos meus dias mas presença no meu corpo (que trazia dele as sobrancelhas espessas, os lábios finos), a palavra pão não era tão crocante quanto o filãozinho que eu comia no café da manhã, a palavra pai punha à minha frente, ao verbalizá-la, um homem que eu amava – e que perdi anos depois –, um homem que vivia viajando (era próprio de sua profissão), e, de tanto viver na estrada, nela morreu.

Em julho de 1969, o homem chegava à lua: assisti pela televisão junto com minha avó àquele feito e lembro a voz metálica de Neil Armstrong dizendo no momento em que pisou no chão lunar: “esse é um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade”. No último dia de aula, a professora presenteou, com livros usados, alguns alunos que haviam revelado maior apreço por histórias. Eu era um deles e, lembro-me da obra que dela ganhei: *Lassie e sua grande aventura*, de Eric Knight (figura 2).

Figura 2: *Lassie e sua grande aventura*



Arquivo pessoal do autor

Voltei para casa correndo, com o livro não na mochila, mas apertado ao peito, como um tesouro que buscava meu corpo para se tornar real. Não sabia como denominar meu sentimento, experimentava uma exaltação serena, uma alegria para dentro, sem necessidade de expressá-la a ninguém, como quem come a própria fome. Tinha entre as

mãos um mundo amável e um mundo que eu queria amar. Só muitos anos depois, justamente ao ler um conto de Clarice Lispector (1998), encontrei o exato nome para aquele momento: felicidade clandestina. O livro era meu, não de minha mãe, estava destinado a mim, à estante vazia que haveria, com o tempo, de encher o meu coração.

Da minha pobre condição de repente eu me tornara rico, um menino-imperador, um leitor-para-sempre, o meu nome estava escrito no livro da compaixão. Li a história devagar, não queria terminá-la, talvez porque não sabia o que fazer depois de consagrada aquela felicidade. Mirava e remirava a capa, na qual a cachorra Lassie se aproximava da linha ferroviária, como se seu intuito fosse parar o trem que vinha veloz, soltando uma nuvem de fumaça. Minhas mãos seguravam aquele mundo com todo cuidado, meus olhos nele se derramavam em silêncio, aquelas resmas de papel, como antes a voz de minha mãe e minha avó, me envolveram numa espiral encantatória, e eu recebi o abraço que recebe o leitor quando adentra ao universo do sensível para dele nunca mais sair.

O livro era meu, poderia levá-lo para onde quisesse, era um bem maior do que eu, um pertence que me aumentava. Mas, depois de terminar a leitura, eu queria dividir aquela emoção com minha mãe, queria que ela lesse também o livro, queria emprestá-lo aos meus amigos – ao mesmo tempo que o sentia meu, eu já não o possuía. Não que eu não o quisesse mais, ao contrário, meu amor por ele pedia partilha, ansiava se alargar para além de mim, para uma entrega aos outros.

Um livro não era (e não é) para viver preso às nossas mãos (ainda que carinhosas), às nossas estantes, às bibliotecas, um livro é para ser de livre escolha para os demais, um ouro de todos, uma dádiva social, um direito de cada um nós. Ao terminar a leitura, eu sentia a história de

Lassie escrita em mim – por isso, não precisava mais do livro, precisava era levá-lo a outros leitores, julgando-me responsável pela multiplicação do júbilo que me dominara. Até aquele dia eu era um leitor-leitor iniciante; de súbito, me transformara num leitor-escritor amante. Naquele dia, descobri que não só a leitura é uma felicidade clandestina, como a escrita também – a escrita, por ser leitura do mundo em nós, de nós em nós, de si e daquele (de fora) que somos, é clandestina e feliz até em meio às dores.

No entanto, ainda faltava encontrar-me, em mim leitor, o outro, o outro que emerge na leitura, porque somos humanos e gregários, porque toda escrita mescla ou eu e o tu, toda escrita pressupõe um nós. Fui encontrá-lo na leitura, mais adiante, em “A árvore”, último dos quatro contos do livro *Coração de vidro*, de José Mauro de Vasconcelos (figura 3).

Figura 3: *Coração de vidro*



Arquivo pessoal do autor

Dona Candoca, árvore que vivia no pátio de uma fazenda – cenário das histórias desta obra – amava o menino que lá morava, a quem chamava de Príncipe, e era por ele amada. Conversavam, riam, ampliavam seus afetos, até que o menino foi levado para a cidade, a fim de frequentar o colégio. A árvore, triste, assistiu ao gradual declínio da fazenda e resistiu, à espera unicamente do retorno de seu príncipe. Anos depois, quando ele de fato reaparece, Candoca já fora cortada por um machado, reduzida a um tronco, mas ainda vivia – e sonhava com o reencontro. Contudo, para o menino, já homem, ela nada mais significava. Ele, aliás, apoiou os pés sobre o tronco (o que restava) de Candoca para amarrar os cordões soltos de seus sapatos. O príncipe literalmente pisou na árvore, que o amava.

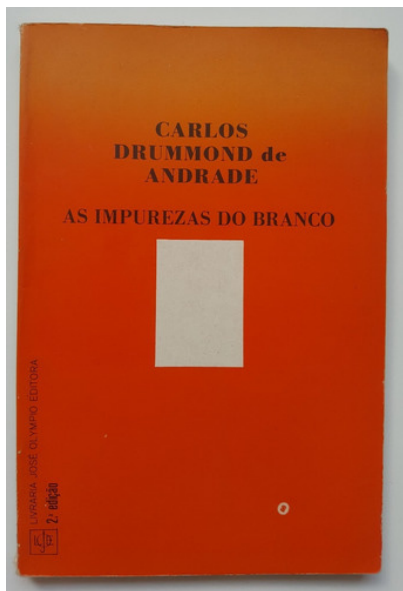
Ao terminar a leitura, os olhos nublados, prometi-me que nunca iria ferir quem eu amava. Melhor: não iria ferir ninguém. Mas, pela vida afora, machuquei a mim e aos outros em muitas ocasiões, embora nunca por querer. Sei que machuquei – e aí a minha reverência à leitura atenta – porque aprendi a ler as pessoas, a decifrar em seu silêncio a tristeza, em seu sorriso a mágoa, em seus braços abertos o perdão. Aprendi igualmente a ler na expressão das pessoas a marca de minhas palavras pontiagudas, ou a notar quando minhas palavras suaves acariciavam a pele delas e a eriçava de contentamento. Alcancei, assombrado, a compreensão definitiva, sólida e irreversível, que nos ensina, lendo uma história, a entrar em comunhão, seja pelo sofrimento seja pela alegria, com a nossa dimensão humana.

Então, tive um novo alumbramento – o encontro com a poesia. Caíram-me nas mãos uns livros que não continham histórias; diferentemente dos contos me maravilhavam, neles o sublime eram os cantos que se arvoraram dos sentimentos, das apreensões dos poetas,

de seus dilemas metafísicos. Como quem se encontra, inesperadamente, numa mina de pedras preciosas, de variadas cores e distintos brilhos, fui apanhando-as à revelia, fascinado com aquelas gemas de luminosa melodia. Misturava dentro de mim os versos do “I-Juca-Pirama” – “Sou bravo, sou forte,/ Sou filho do Norte;/ Meu canto de morte,/ Guerreiros, ouvi.” (DIAS, 1969, s/p.) – com os do poema “Desencanto” – “Eu faço versos como quem chora/ De desalento... de desencanto.../Fecha o meu livro, se por agora/ Não tens motivo nenhum de pranto” (BANDEIRA, 1986, p.43). Não sabia que pertenciam a diferentes escolas literárias, sentia apenas que pertenciam ao meu espírito, que nele seus tons singulares dialogavam, e que me rejubilava colocá-los em conversa em meu ser. Às vezes, um único verso me alçava para uma nova terra literária, uma terra tão esplêndida que eu ficava quieto por muito tempo, tentando nivelar o meu pequeno entendimento da máquina do mundo àquela imensidão, àquela verdade quase insuportável de tão bela. Lembro, com especial gratidão, de um verso marcante saltando de um poema de Neruda (1980, p.27): “Debruçado na tarde lanço a mais triste rede/ aos teus olhos oceânicos.”

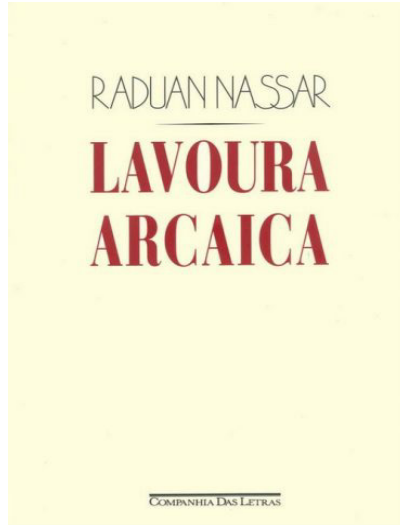
E uma avalanche ocorreu quando li os primeiros poemas de *As impurezas do branco*, de Drummond (figura 4). Não havia rimas, não havia métrica, os temas clássicos se diluíam na lírica do cotidiano. Lendo-os, dei-me conta de que a mistura é que assegurava riqueza aos livros, a pluralidade garantia o livre e diferenciado sentir e pensar, o planeta literatura se fazia pelo uno de cada um, criando o seu verso, e o seu verso gerava o diverso.

Figura 4: *As impurezas do branco*



Arquivo pessoal do autor

Depois daqueles encontros epifânicos com a poesia, comecei a juntá-la com a prosa, e levar ambas às primeiras histórias que passei ao papel. Sabia que o meu “estilo”, se assim posso me referir ao jeito que àquela época eu escrevia, juntava-as como duas mãos, friccionava-as, lavava-as com as impurezas da palavra. Sentia estranhamento naquela mescla, ao mesmo tempo em que nela me reconhecia, minha nascente identidade autoral ganhava os contornos duplos do épico (a narrativa) e do lírico (a inflexão poética). E, então, vivenciei a experiência de quem se depara com um admirável mundo velho e nele se reconhece: encontrei, ao acaso, na biblioteca do colégio, o romance *Lavoura arcaica* (figura 5), de Raduan Nassar, de quem anos mais tarde me tornei amigo.

Figura 5: *Lavoura arcaica*

Arquivo pessoal do autor

Deixo aqui um pequeno trecho desta obra:

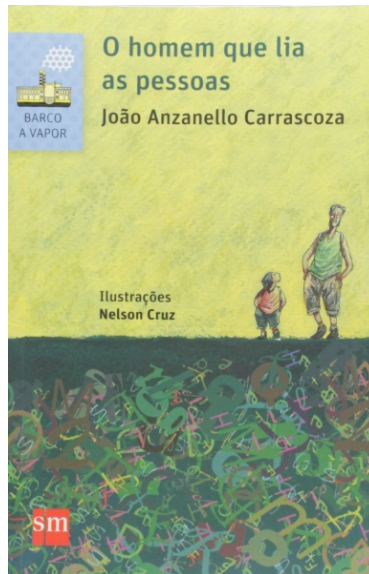
... fui confessando e recolhendo nas palavras o licor inútil que eu filtrava, mas que doce amargura dizer as coisas, traçando num quadro de silêncio a simetria dos canteiros, a sinuosidade dos caminhos de pedra no meio da relva, fincando as estacas de eucalipto dos viveiros, abrindo com mãos cavas a boca das olarias, erguendo em prumo as paredes úmidas das esterqueiras, e nesse silêncio esquadrinhado em harmonia, cheirando a vinho, cheirando a estrume, compor aí o tempo, pacientemente. (NASSAR, 1989, p.52)

Já em suas primeiras páginas, me senti acolhido como leitor e escritor principiante. Nelas, as duas mãos, da prosa e da poesia, se uniam com vigor incomum e, então, tive a certeza de que pertencia à família literária daquele autor, a um grupo de sensibilidades nascido, evidentemente, de uma mesma cepa artística. Aquela família me enlaçava, me afagava, me consolava – eu era seu filho, legítimo, de sangue.

O LEITOR-ESCRITOR – E O ESCRITOR-LEITOR

Mas, se a palavra é a mãe, é preciso evocar o silêncio – que é o pai. E o meu pai, filho de espanhóis republicanos de Granada (em fuga da Espanha de Franco para as Américas), não ultrapassou o segundo grau: argia trabalhar para comer, e, depois do ensino médio, ele teve de cursar por conta própria o mundo dos negócios pequenos – a compra e a venda de cereais, o que era possível acolher com seus braços. Muitas vezes, ao seu lado, usufruí do silêncio, de estar com um ser amado sem intermediários, sem mesmo a necessidade da palavra. Éramos duas plantas se movendo ao vento, conscientes e gratos pela nossa condição. Com ele, aprendi a despallavar o alfabeto inteiro.

Ouvi de meu pai, sem que, no entanto, enunciasse um único dizer, histórias e mais histórias, tão mágicas quanto às de Scherezade. Não por acaso ele se tornou a ausência mais presente em minha vida. Com ele aprendi a ler o que não foi dito, nem escrito. Por isso, para homenageá-lo, escrevi o livro *O homem que lia as pessoas* (figura 6). Por isso, é certo, entrei em conversa com ele em muitos de meus contos, sonhando viver em sua companhia algum novo acontecimento – que, em verdade, nunca se sucedeu.

Figura 6: *O homem que lia as pessoas*

Arquivo pessoal do autor

Lembro o dia em que a sua existência se apagou: eu estava na escola, quando fui chamado à diretoria, onde encontrei minha mãe, os olhos rubros de quem vê o presente decepado e o futuro envolto em incertezas. Tinha ido me buscar com a notícia em todo o seu corpo mudo, ela sabia que jamais esqueceríamos aquele momento – fora levar os seus braços para me consolar, para serenar a si mesma. Não precisou me dizer nada, eu sabia que, sem uma palavra, minha mãe me dizia que ele, meu pai, partira para sempre, e, então, o silêncio, como uma dor, esguichou em mim, escrevendo em meu ser a maior perda de minha vida. Se eu já escrevia aqui e ali algum esboço de história, de lá em diante, por coincidência (?), passei a me dedicar à escrita com o desejo de reduzir o vazio que me habitava (e ampliar a disciplina que se inteirava de mim), visando produzir narrativas, como lenitivos, não apenas para minhas feridas, mas também para as alheias. Assim, escrevi e publiquei cerca de

cinquenta livros, represando (ou liberando) nesses pequenos retângulos de papel contos e mais contos, que são cantos à vida, hinos ao humano que há em nós. A água elemental da ficção continua jorrando de minhas nascentes, em volume igual ao daqueles tempos de iniciação – talvez com a diferença de que, hoje, minhas mãos procuram carinhosamente, com consciência, direcionar o seu curso.

Por vezes, ao observar (ler) as estrelas, recorro (escrevo) que são sóis imensos, mas, aos nossos olhos, são pontos cintilantes minúsculos. Assim, ajusto meu pensamento para o mundo aos nossos pés, eivado de miudezas, que, no entanto, nos mostram o grande. A leitura, como num verso de Manoel de Barros (2013, p.51), me doutorou em formigas, em copos, anéis, sapatos – coisas menores do cotidiano, das quais emerge, sorrateira, a grandeza de nossa existência no culto ao humilde, na aceitação da finitude que nos espera desde o nascimento. Ajusto meus olhos, que já vão se enevoando com a idade, para que lance a elas um segundo olhar, como sugerido por Mario Quintana (2018) – são coisas belas, mas só lhes dedicamos, por descuido, um primeiro olhar, de superfície.

A conclusão espantosa desse processo, que não canso de atualizar é simples: a escrita, como uma conversa – aquela conversa primeira de minha mãe e minha avó na re-fabricação de uma vivência, as vozes das duas saindo da partitura dos afetos e se tornando música –, a escrita, como uma conversa, não pleiteia o divino, a escrita é uma conversa entre homens – escrever é uma dádiva concedida a quem é mortal, escrever é um morrer menos para viver mais.

Não por acaso, em “A conversa”, um dos textos de *Fragments de um discurso amoroso*, Barthes (1981, p.64) afirma: “A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras”. Quando me vejo na

condição de escritor-leitor, sinto que acaricio com as pontas dos dedos a minha dor, e, mesmo sem ter certeza, me encho de esperanças de que o meu afago chegue até o leitor – e seja por ele sentido.

LER AS PESSOAS – ENFIM, UMA ESCRITA DE SI

Otávio Paz (1982) também nos lembra que a literatura deixa marcas de sentimentos, tatuagens em nossa alma. E, a meu ver, não apenas a literatura do ponto de vista de quem consome, mas também de quem a produz: marcamos e somos tatuados pelos livros que lemos e escrevemos. Por isso, a leitura, tanto quanto a escritura, é a minha pátria, a minha nação cultural. Por isso, continuo me extasiando com a paisagem de outros países literários, que tornam o mundo mais rico e florescente. E, como o vento e as nuvens, posso entrar e sair dos livros sem ser barrado na fronteira, sem que policiais de alfândega me revistem, me intimidem, me obriguem a falar o seu idioma. Ler e escrever, mais que dupla liberdade, é nosso duplo direito.

Hoje, vejo minha filha, Maria Flor, de cinco anos, saboreando o som das letras e reconhecendo as primeiras palavras, os signos se desvelando ao seu entendimento, e a observo com atenção, como naquela manhã observei minha mãe e minha avó, sabendo que, de repente, em algum momento, ela aprenderá a ler – e a escrever – e estará pronta, pela vida inteira, para esta conversa, que extrapola a voz, o papel, as paredes do mundo, e demarca as margens da vida. Conversa que não é divina, apenas humana e, por isso, nos leva, nos eleva, nos enleva. Um passo pequeno para a menina que ela é, um gigantesco passo para a mulher em que se tornará – e, talvez, lendo agora o tempo que me resta, eu

não possa misturar por muitos anos a minha escrita à dela (já que, um dia, retornarei ao silêncio, pai).

A propósito, retorno um instante ao feminino: a leitura e a escrita foram (e continuam sendo) cuidadas dentro de mim por elas, as mulheres: a avó, a mãe, a professora que me alfabetizou (Célia era o seu nome), as mulheres para quem declarei amor e me que deram filhos, alegrias e solidão. Sem elas, a aventura não teria sido tão venturosa. Elas foram e são a lição que me ensina a reconhecer, em mim, o homem-humano – leitor de si, escritor de pessoas. Agradeço-as com estas breves palavras, se comparadas ao tesouro que me deixaram. E agradeço ao pai, porque é sempre com o silêncio que terminamos uma conversa, sobretudo quando é uma conversa como esta – a de um escritor-leitor, que, enquanto se escreve em seus textos, lê os outros; enquanto lê as pessoas, escreve o mundo em si.

Desejo que minha prosa aqui comigo, com o meu passado, com a recordação de meu aprendizado das primeiras letras, com o ofício da escrita que se dá em mim, chegue até você, que me acompanhou nestas linhas, levando-o a dialogar com a sua própria história. Somos cordas de um mesmo instrumento, diferentes entre si, e, por isso mesmo, a música surge de nós: no intervalo entre uma nota e outra, eis agora – o silêncio.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. São Paulo: Círculo do livro, 1996.

BARROS Manoel de. *Ensaio fotográficos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

DIAS, Gonçalves. *Antologia poética*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

NERUDA, Pablo. *20 poemas de amor e uma canção desesperada*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

PAZ, Octavio. *Conversar*. Folha de S. Paulo, 3 de maio de 1998.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

QUINTANA, Mario. *O segundo olhar*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.